

O executivo ambicioso sempre dê a impressão de que está ocupado e sempre em movimento. Por isso preferia ser surpreendido nu no seu escritório que estar sentado numa cadeira simplesmente pensando, porque isto daria a impressão de não ser ele satisfatoriamente agressivo.

Pelo menos o pensar recebe uma menção honrosa pela indústria educacional. Muitos dos estabelecimentos mais progressivos, de fato, até tentam encorajar o pensamento nos momentos vagos que possam ser concedidos para injetar informações suficientemente memorizadas nos estudantes para que sejam capazes de acumular a invenção acadêmica de "créditos".

Os cientistas são mais ou menos obrigados a pensar a fim de publicar suas idéias, e a maioria deles tem dificuldade em encontrar tempo para pensar entre a procura de bolsas, a alimentação forçada dos seus alunos com fatos, e a assistência a acontecimentos profissionais essenciais.

Pode-se, então, dizer com segurança que esta civilização encara o pensar como uma maneira respeitável e, às vezes, necessária de gastar o tempo. Mas, estranho que pareça, o **pensando sobre pensar**, tentando descobrir o que seria o pensar e a reflexão — é considerado como uma atividade um pouco louca, não muito respeitável e quase não americana. (*)

T razões

Há várias razões para isso. Talvez a principal seja porque o ato de refletir e de pensar não possam ser medidos e as experiências com a reflexão muitas vezes não podem ser "repetidas" por razões que veremos brevemente. O raciocínio e a reflexão, portanto, são automaticamente empíricos e estão abaixo do nome de ciência, apesar do fato de que os próprios cientistas têm que pensar, seja apenas para escrever um relatório, guiar o carro ou fritar um ovo.

* Após ter sido estas páginas escritas, a Associação de Parapsicologia dos Estados Unidos foi admitida como filiada à Associação Americana para o Progresso da Ciência, contrariando as objeções de alguns membros que ainda acham que a pesquisa de parapsicologia não é verdadeiramente científica.

Os biólogos e os bioquímicos gostam de afirmar que o raciocínio é um processo meramente físico-químico, embora tenham fracassado na sua explicação deste fato. Mas como cachorrinhos com um osso grande demais para dominar, continuam a preocupar-se e fazer todo o possível para expulsar os outros que poderiam saber o que fazer com ele.

Por estas razões, a pesquisa do raciocínio não está sendo encorajada pelo Estabelecimento Científico e aqueles que se entregam a eles são freqüentemente ridicularizados e às vezes excluídos. Há alguns indícios úteis do que seja o raciocínio, estando este disponível sem ser notado por muito tempo.

Por outro lado, homens e mulheres podem — e muitas vezes o fazem — pensar muito mais, adequadamente, que os animais inferiores. Por isso não esperamos responder acertadamente as nossas quatro perguntas a menos que estejamos preparados para examinar este aspecto do homem, até ao risco de ser rotulado de esquisito, não-científico e até não-americano.

2

Aqueles que queiram que acreditemos que o raciocínio é um processo simplesmente físico-químico não olharam um fato importante, ou seja, que nossa memória de conhecimento adquirido, em que nosso raciocínio se baseia, é meramente matéria do cérebro, como a do corpo, e está constantemente se modificando como vimos no capítulo 2.

Para citar mais uma vez Sir. Charles Sherrington (1): "O cérebro é, naturalmente... composto, como os outros órgãos do corpo, de matéria apenas físico-química que se desintegra facilmente em produtos inúteis."

Uma outra autoridade, Dr. R. W. Gerard, professor de biologia e Reitor Emérito da Universidade da Califórnia, escreveu: (2)

"Atualmente é um truísmo dizer-se que o metabolismo é necessário às funções: que as células, os tecidos, e os órgãos constituem máquinas dinâmicas e devem pagar pelo que fazem..."